



Cadernos  
do  
*Sociofilo*

*Quarto caderno (2013)*

*Homenagem a  
Bernard Lahire  
(Parte I)*

# Introdução

Priscila de Oliveira Coutinho

e

Thiago Panica Pontes

Dos sociólogos e demais pesquisadores das ciências humanas que com frequência cada vez maior nos últimos anos visitam o país para cursos, conferências ou palestras, Bernard Lahire (École Normale Supérieure/Lyon) possui uma particularidade: sua periodicidade é quase anual. Ao ser perguntado em uma entrevista sobre as razões de sua frequência regular ao país, contrariando possíveis expectativas referentes aos ‘encantos’ ou talvez à ‘hospitalidade’ brasileira, sua resposta fora desconcertantemente direta e ao mesmo tempo reveladora de seu *ethos* intelectual: “eu vou onde as pessoas se interessam pelo meu trabalho”. Não é por outra razão que seu programa sociológico atrai estudiosos e pesquisadores de diversas partes do mundo – seja através de suas traduções ou diretamente em seu centro de pesquisas (Centre Max Weber) em Lyon. Trata-se de algo mais do que uma proposta teórica do autor que Vandenberghe define em seu artigo para esta edição como “simultaneamente o mais aguerrido dos críticos de Bourdieu e o mais fiel de seus discípulos”; está em questão um determinado espírito sociológico enquanto – parafraseando Husserl – ciência rigorosa, uma atitude crítica e investigativa da qual sua produção conceitual não é senão o prolongamento.

Assim, sua proposta de uma “sociologia em escala individual” – de modo diverso do que se poderia a princípio supor –

## Cadernos do Sociofilo

corresponde a uma radicalização da própria sociologia e a ambição de elevá-la à altura de suas promessas fundacionais. Por meio dos artigos desta edição teremos uma dimensão do sentido desta empreitada, seus desafios teóricos e sua fertilidade empírica em mobilizar as ferramentas da sociologia para adentrar aquilo que até então seria uma de suas fronteiras mais opacas: a singularidade individual, que é então conduzida para o cerne da própria sociologia; deste prisma, ou melhor a partir desta nova “escala” – e aqui a influência da *microstoria* italiana também se descortina –, Lahire investiga como as “fibras do tecido social” se entretecem no interior dos indivíduos, não como algo externo como que a ser acrescentado num momento posterior de uma substância já autorealizada, mas sim sendo-lhes instituintes, encarnadas em sua própria individualidade.

Por conseguinte, a pluralidade de espaços sócio-experienciais por que atravessam os indivíduos, seus requisitos institucionais e a heterogeneidade de suas respectivas composições sistêmicas, são co-substanciais à própria heterogeneidade de forças que os compõe; isto quer dizer que, como é o caso nas configurações societárias contemporâneas, quanto maiores as dissonâncias sociais e culturais no interior destas esferas de sociabilidade, quanto mais intensas suas contradições umas em relação às outras (em termos de exigências e expectativas familiar, amistosa, escolar, profissional, religiosa, associativa, etc.), tanto mais chances de os atores incorporarem estas clivagens na constituição de seu patrimônio disposicional. Neste sentido, o senso comum acadêmico pelo qual a sociologia deveria focar somente as “normas”, regularidades estatísticas, grandes tendências, etc., relegando a segundo plano enquanto “desvios”, exceções, excepcionalidades ou “resíduos” todos os indivíduos que não se reduzam a casos modais ou representativos do coletivo em questão (um operário típico, um protestante

exemplar, um quadro do partido, etc.), perde sua razão de ser, tornando-se simplesmente uma questão de “escala de análise” variável em função dos problemas a serem levantados, *a fortiori* do leque de novas questões possíveis decorrentes deste novo olhar. A sociologia se revela assim, menos essencialista no lidar com as questões do mundo social, ao mesmo tempo em que passa a dispor de instrumentos mais sofisticados para este fim.

Como consequência mais ou menos esperada da ambição presente neste programa de pesquisas - na medida em que o mesmo já ocorrera com Elias, Parsons, Bourdieu dentre outros autores que por vias distintas se bem que paralelas intencionaram dar prosseguimento àquelas promessas fundacionais da tradição sociológica - seu trabalho não tardou em deparar-se com algumas acusações de “sociologismo”, “imperialismo sociológico” e críticas remontando ao ator “hipersocializado” parsoniano por exemplo, ou seja, concernentes à desconsideração de outras dimensões da condição humana (o “livre-arbítrio”, a “margem de manobra” presente aos atores em seus processos deliberativos, as capacidades agenciais, os irreduzíveis imperativos micro situacionais, os processos de “individualização” contemporâneos, etc.), críticas cujo fundo comum varia em sua tonalidade conforme as premissas, escolas ou mesmo disciplinas em disputa das quais derivam. Aqui talvez caiba apenas a lembrança de que, via de regra, o pressuposto realista subjacente a tais tipos de colocação prefigura um mundo fragmentado em estratos reificados (lá o ‘biológico’, aqui o ‘psicológico’, acolá o ‘sociológico’, etc.) que não refletem senão uma projeção disciplinar no próprio fluxo da vida, as coisas se passando como se a realidade mesma devesse se compartimentar em departamentos universitários ou a orientar-se segundo suas fronteiras.

## Cadernos do Sociofilo

Na verdade, no caso de Lahire assim como dos autores mencionados, lidamos com uma *perspectiva sociológica*, um modo criticamente consciente de seus pressupostos epistemológicos e de si enquanto construção conceitual ou, se preferirmos, ponto de vista objetivante o qual, como qualquer perspectiva consequente consigo mesma, expande seu alcance em função de seus próprios móveis, desenvolvimentos e problemáticas, ciente de suas próprias condições de possibilidade; se um determinado programa teórico ainda não chegou neste ponto, é porque seu espírito ainda não se reconciliou consigo mesmo enquanto *razão*. Equívoco resultante de premissas opostas, embora com implicações análogas, se dá quando, partindo de uma perspectiva analítica, desagrega-se a realidade em camadas diferenciadas, por conseguinte necessariamente parciais (com suas respectivas 'variáveis independentes' e 'dependentes', como a religiosidade, a ocupação, a escolaridade, etc.), o que tem por resultado uma concepção simplista das ciências do homem porquanto, à pretexto das necessidades do 'modelo', não mais vislumbramos este homem como conjugação existencialmente concreta de fatores históricos, e passamos a tratá-lo como se os indicadores artificialmente isolados, um a um, da totalidade através da qual todas aquelas 'variáveis' se realizam por meio umas das outras, umas nas outras, tivessem efetividade em si e por si mesmas ou, pior, valor causal.

Neste segundo equívoco, mantêm-se as vicissitudes anteriores, apenas com o adendo: tratar-se-ia de um 'modelo'. É assim, somente assim, que poderíamos manter uma concepção especializada no pior sentido: este seria o 'campo' de atuação da sociologia; aquele, o da 'psicologia'; adiante o da 'psicanálise', o da 'história', etc. Evidentemente isto não significa que não devemos levar em conta as especificidades de cada ciência assim como seus pressupostos filosóficos, ao contrário: a sociolo-

gia, como toda forma de saber, o deve fazer do único modo racionalmente possível: incorporando-os crítica e dialeticamente ao seu *ponto de vista*, que assim se desenvolve, com a maturidade, do analítico ao sintético, e onde, como corolário, a questão do sociologismo não é refutada; antes, ela literalmente deixa de fazer sentido. Com efeito, delegar a totalidade para a filosofia, é tratar as ciências do homem como um decalque de si mesmas; na verdade, é não vislumbrá-las em sua plenitude.

Outra consideração importante consiste em que a única verdadeira homenagem ao espírito sociológico de Bernard Lahire está longe se realizar por meio da aplicação impensada de suas ferramentas teóricas. Antes, seu *ethos* crítico nos convida a dialogar com suas potencialidades, mobilizá-las, levá-las a campo, indagá-las, combiná-las, refiná-las ou questioná-las se for o caso, enfim nos incita a um *rigor indissociavelmente reflexivo e investigativo*, uma *atitude* que é tão incompatível com uma acrítica reprodução de um arcabouço conceitual quanto, da mesma forma, com uma criatividade desprovida de método ou empiricamente inócua - o espírito sociológico nutre-se do mundo. E é precisamente de modo inquiridor, inventivo e indiciário (Ginzburg) que uma sociologia situada periféricamente aos eixos de produção e circulação teórica mundiais deve proceder caso deseje, para além quer da simples replicação interna, quer da pura e simples 'substituição de importações' conceituais (e o conseqüente monopólio da interpretação legítima sobre o Brasil), produzir conhecimentos sobre si que sejam universalizáveis e reproblematicem as distintas tradições sociológicas mundiais.

Com estes apontamentos introdutórios em mente podemos mais facilmente nos ambientar nos artigos abaixo cujas propostas e sentidos, distintos entre si, ilustram a própria diversidade de recepções e apropriações possíveis da obra do au-

## Cadernos do Sociofilo

tor. Consideramos pertinente que o primeiro artigo deste número seja “O singular plural”, do próprio Lahire, por nos conferir uma breve reflexão sobre o sentido, os caminhos e implicações de seu programa sociológico, assim como algumas distorções de que tem sido alvo. Temos através de sua leitura um panorama de seu projeto sociológico e do resumo de algumas problemáticas que lhe são integrantes, e podemos passar com mais propriedade para os artigos que lhe são dedicados. Começamos com Ana Caetano e Frédéric Vandenberghe, cujas propostas teóricas se aproximam.

A socióloga portuguesa, no texto “A exterioridade da reflexividade: contributos de Lahire para o estudo empírico do exercício de competências reflexivas”, propõe articulações entre a teoria de Margaret Archer, Pierre Bourdieu e Bernard Lahire com o objetivo de delas extrair instrumentos teóricos úteis à investigação do “componente externo” da reflexividade”. Caetano realiza primeiramente um balanço analítico das perspectivas dos três sociólogos. Admitindo a importância do conceito de conversações interiores, tal como mobilizado por Archer para o projeto de compreensão da variação sociológica do elemento agencial reflexivo, a autora aponta a insuficiência da proposta quando se considera tanto a “multidimensionalidade do conceito de reflexividade” quanto a intervenção de mecanismos estruturais e contextuais no exercício das diferentes modalidades reflexivas.

A revisão da perspectiva da socióloga inglesa na pesquisa de Caetano se dá pela articulação com princípios teóricos e operatórios da sociologia em escala individual. Isso porque Lahire, apesar de considerar o espaço social em sua composição estrutural, tal como fez Pierre Bourdieu, é capaz de, ao reduzir a escala de análise, redimensionar e assim revisar e ressignificar alguns de seus componentes lógicos. Desse modo, sem deixar

de admitir que a posição no espaço social intervém no processo de moldagem de competências reflexivas, Lahire sofisticou o exame destas por meio da inclusão analítica tanto da pluralidade disposicional quanto da “ativação contextual do patrimônio incorporado”. Isso possibilita a compreensão das práticas reflexivas segundo diferentes etapas e situações biográficas. Tais práticas correspondem tanto à tematização de questões existenciais (quem eu sou?, por que escolhi essa vida?, por que me comporto dessa forma?) quanto à resolução de situações rotineiras .

Por meio de uma investigação empírica consistente na realização de entrevistas com indivíduos que apresentam diferentes trajetórias e características sociais (gênero, idade, escolaridade, trajeto profissional), Caetano elabora tipologias das modalidades de exercício da reflexividade. Foram analisadas tanto as práticas de escrita (autobiográfica, criativa, comunicacional e organizativa) como as declarações sobre pensamentos e comportamentos em situação de interação. A pesquisadora demonstra que mesmo as conversas internas estão sujeitas a regras sociais, na medida em que são influenciadas por normas e valores dos contextos frequentados. Em situações de diálogo, por sua vez, os entrevistados mobilizam reflexões prévias, realizadas na privacidade mental, mas, influenciados pela situação de copresença, modificam o discurso isoladamente realizado e utilizam competências reflexivas para alcançarem o ajuste comunicativo que lhes pareça atender às suas próprias expectativas e a do outro. Tal ajustamento depende tanto das propriedades do contexto (formal ou familiar, por exemplo) quanto da forma como cada interlocutor percebe e gere a sua própria identidade e a visão sobre a identidade do outro.

Por sua vez, Vandenberghe em seu “A sociologia na escala individual: Margaret Archer e Bernard Lahire” destaca a partir



## Cadernos do Sociofilo

da articulação de elementos da base conceitual de ambos os autores o esboço dos quadros que poderiam delinear uma “sociologia reflexiva, contextual e disposicional na escala do indivíduo”. Por intermédio, de um lado, da mobilização do conceito de conversações interiores (Archer) – que são o meio pelo qual a reflexividade se realiza – e, de outro, do patrimônio de disposições incorporadas (Lahire), um e outro indexados às variações contextuais, seriam então destacadas as capacidades de “auto-transformação” assim como de “transformação social” dos agentes sociais. Teríamos acesso a uma compreensão das capacidades agenciais para além da heteronomia e, por isto mesmo, diretamente conectadas à explicação das transformações societárias.

Conquanto seu objetivo explícito verse acerca das potencialidades do entrecruzamento das respectivas teorias, a ele subjacente se revela o mesmo *leitmotiv* já apresentado em outro artigo dedicado a Bourdieu<sup>1</sup>: Vandenberghe interpela Lahire do ponto de vista do realismo crítico. É a partir destas premissas que apreendemos em todo seu horizonte significativo as críticas direcionadas ao programa do sociólogo francês – supostamente a secundarização de uma antropologia filosófica, o “determinismo” disposicionalista, uma ontologia social hierarquicamente não-estratificada e a ausência de uma “interioridade” para além da mera recondução intrapessoal de uma realidade a ser explicada por princípios externos, ou seja, sem poderes de intervenção causalmente eficazes na realidade. Se as categorias desta sociologia são assim enfocadas a partir dos pressupostos ontológicos e antropológicos da filosofia desenvolvida por Roy

---

<sup>1</sup> “‘O real é relacional’: uma análise epistemológica do estruturalismo gerativo de Pierre Bourdieu”. In: Vandenberghe, Frédéric. *Uma teoria social realista: um diálogo franco-britânico*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2010.

Bhaskar e suas faltas sublinhadas deste ponto de vista, as próprias críticas supõem, naturalmente, a crença em seus axiomas (e de todos os teoremas realistas enquanto seus desdobramentos) dos quais nos tornamos, no decorrer do ensaio, cômicos de suas possibilidades, todavia não no mesmo grau acerca de suas limitações – principalmente no tocante às ciências do homem. A proficuidade com que Vandenberghe desnaturaliza construtivamente algumas premissas compartilhadas pela dupla de sociólogos franceses nos deixa expectantes na realização de uma interpelação do mesmo gênero, se bem que desta vez ao movimento inglês: seu vasto conhecimento no campo da teoria social já é em si seu maior convite.

Já o quarto artigo, de Priscila Azevedo, mobiliza a sociologia lahiriana para nos apresentar uma biografia sociológica cujo foco está na experiência “ser filho de criação”. Realizada na região rural da Zona da Mata mineira, “Em nome do pai, do filho e do espírito santo: notas de uma sociologia em escalas” traz um estudo de caso precisamente de uma *filha de criação*, fenômeno inscrito na “memória coletiva” de seus habitantes e que atualiza uma relacionalidade ancorada numa sutil forma de “servidão”, ao mesmo tempo vivenciada como voluntária porém de modo algum sem a consciência de sua submissão pelos indivíduos nela enredados. Fruto de uma socialização a um só tempo familiarmente eficaz, religiosamente sancionada (pelas formas locais e sua ênfase na “pedagogia do sofrimento”) e comunitariamente sustentada (enquanto depositária destes valores coletivos), aos olhos dos atores a adoção – distintamente da filiação biológica – é interpretada como dom original, portanto impagável, transformando dádiva em dívida. O valor desta dívida (que pode prolongar-se de modo vitalício com a herança intergeracional por parte dos seus ‘proprietários’ dos ‘favores’ que lhes são devidos) é sobretudo *moral*, dizendo res-

## Cadernos do Sociofilo

peito à gratidão. Assim, a biografada, filha de criação, necessita provar-se como digna de ser “como se fosse da família”, e é desta cotidiana provação (em que suas obrigações e tarefas são tão mais extensas que a dos filhos biológicos quanto comparativamente menores suas possibilidades de realização pessoal, seja pelo desinvestimento nos estudos, seja pela absoluta prioridade ao trabalho no interior do lar) que deriva um “reconhecimento social atrelado à submissão”, uma servidão interiorizada como *vontade*, seu próprio voluntarismo como constitutivo da eficácia da relação.

Por fim, Adalberto Cardoso, no texto “Sociologia e História: Um diálogo de surdos?”, elaborado para uma apresentação oral de homenagem a Bernard Lahire, realizada em 2011, na ocasião de uma das visitas do sociólogo francês ao Brasil, faz uma bela análise da relação entre sociologia e história. O autor retoma brevemente o “interesse de conhecimento” de diferentes abordagens sociológicas por meio da demonstração de como cada uma delas operou com o tempo histórico e a temporalidade. Se em Weber o tempo se faz presente na articulação entre elaboração conceitual e história comparada, em Marx o passado precisa ser reconstruído para que se compreenda o presente a ser transformado. As abordagens ligadas à fenomenologia, por sua vez, trabalham com o presente, o instante, a situação intersubjetivamente compartilhada. Trata-se, aqui, de compreender o mundo social sem que se recorra necessariamente àquela temporalidade que constrói “estruturas e permanências”. Bernard Lahire é herdeiro dessas diferentes tradições, e no seu fazer sociológico é o trabalho empírico que confere inteligibilidade à articulação entre micro e macro determinações tecidas em diferentes escalas de tempo e espaço. Em seus trabalhos, há uma permanente tensão entre teoria sociológica e his-

tória, generalidade e singularidade, elementos estruturais e biográficos, micro e macro contextos.

A partir das considerações de Cardoso sobre a relação entre sociologia e história, podemos lembrar, a propósito do percurso intelectual de Lahire, que apesar de seus últimos trabalhos demonstrarem um ajuste mais sofisticado dos jogos de escala de espaço e tempo, desde sua tese de doutorado o passado histórico convivia com temporalidades específicas, assim como as estruturas conviviam com as ações cotidianas<sup>2</sup>. Para formular suas conclusões sobre a relação entre cultura escrita e desigualdade escolar, Lahire realiza observações sobre a rotina escolar, comparando-a com a doméstica, mas também reconstrói, desnaturalizando, o processo de criação do alfabeto, o que exigiu, por exemplo, um esforço historiográfico direcionado às civilizações egípcia e mesopotâmica.

Na obra marxista, diz Cardoso, podemos compreender a causalidade como “sucessão temporal de eventos objetivos”. Tal afirmação nos remete ao fato de que a perspectiva filogenética marxista se aproxima da ontogenética lahirinana. Isso porque apesar de as experiências socializadoras ocorrerem tanto diacrônica quanto sincronicamente, a própria ideia de incorporação cumulativa que define a socialização confere ao passado um espaço privilegiado no fazer sociológico de matriz disposicionalista. Porém, assim como aqueles que encontraram saídas interpretativas para introduzir as contingências históricas na teoria marxista, remodelando-a, a exemplo de Edward Palmer

---

<sup>2</sup> LAHIRE, Bernard. *Formes sociales scripturales et formes sociales orales* : une analyse sociologique de l'échec scolaire, 1990. Tese (Doutorado em Sociologia). Université Lumière Lyon 2, Lyon, França. 1990.

## Cadernos do Sociofilo

Thompson, a quem Cardoso faz referência, as rupturas biográficas também encontram lugar no esquema aparentemente rígido do construto analítico de Bernard Lahire. Embora os repertórios de esquemas de ação sejam o passado incorporado, o sentido das situações vivenciadas dependem de contingências não controláveis *a priori*. Desse modo, a ação social é necessariamente criativa e reflexivamente orientada, apesar de circunscrita no contexto onde ela se dá e no espaço mental/emocional/corporal construído pelas múltiplas experiências socializadoras. Se a herança da tradição fenomenológica e interacionista conferem à sociologia lahiriana uma compreensão mais fina tanto do patrimônio disposicional quanto da força do presente, da situação e da interação, então processos de crise existencial ou de rupturas biográficas poderão orientar a ação tanto quanto o passado incorporado. Como afirma Lahire<sup>3</sup>:

De fato, nem o acontecimento “desencadeador”, nem a disposição incorporada pelos atores podem ser designadas como verdadeiros “determinantes” das práticas [...]. Com efeito, aqui a realidade é relacional (ou interdependente). O comportamento ou ação é produto de um encontro no qual cada elemento do encontro não é nem mais nem menos determinante que o outro.

O texto de Cardoso evoca também as colorações proustianas da sociologia lahiriana. A obsessão com os detalhes e a valorização do passado são mobilizados tanto para que se compreenda a história pessoal tornada corpo e espírito quanto para analisar as formas de intervenção individuais no mundo, as quais podem ser sociologicamente reconstruídas na medida em

---

<sup>3</sup> LAHIRE, Bernard. O homem plural: os determinantes da ação. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p.56.

que estão profundamente ancoradas nos dois grandes planos existenciais denominados por Sidney Mintz<sup>4</sup> de grande e pequena história. Na pesquisa que deu origem ao livro “Franz Kafka: éléments pour une théorie de la création littéraire”<sup>5</sup> o cruzamento entre esses dois grandes planos dá forma a uma sociologia da imaginação literária. Sem diminuir a grandiosidade da obra kafkiana, Lahire joga uma nova luz sobre ela, e ele o faz por meio da articulação das diferentes escalas temporais e espaciais nas quais a vida humana pode ser compreendida.

Não por acaso Bernard Lahire costuma falar de seu passado em suas entrevistas. Assim como Richard Hoggart, cujas obras são frequentemente mobilizadas nos trabalhos do sociólogo de Lyon, ele admite - algumas vezes implícita, outras explicitamente - que “Le chez soi c’est l’endroit d’où l’on part”<sup>6</sup>. Essa admissão tem um duplo significado: reconhece-se tanto a vinculação afetiva e social ao meio de origem como o sentimento de que era necessário transpô-lo. Em entrevista, ele diz ter escolhido a sociologia porque ela lhe permitia compreender seu próprio percurso. Os problemas existenciais que ele colocava a si mesmo tinham no passado uma ancoragem fundamental porque as perguntas que um trãnsfuga de classe se coloca obsessivamente são: “por que estou aqui?” e “por que estou sozinho aqui?”.

---

<sup>4</sup> MINTZ, Sidney. *Worker in the cane: a Puerto Rican life history*. New Haven: Yale University Press, 1960.

<sup>5</sup> LAHIRE, Bernard. *Franz Kafka: éléments pour une théorie de la création littéraire*. Paris, Éditions La Découverte, 2010.

<sup>7</sup> HOGGART, Richard. *33 Newport Street: Autobiographie d’un intellectuel issu des classes populaires anglaises*. Traduit de l’anglais par Christiane et Claude Grignon. Gallimard/Le Seuil, 1991.

## Cadernos do Sociófilo

Nessas duas questões vitais localiza-se o projeto de sociologia dos casos excepcionais que se prolongou na sociologia em escala individual. Sem deixar de lado o rigor auto imposto tanto por sua ambição de elaboração de uma ciência social que capte o mais fielmente possível o real quanto por sua disposição ascética cuja compreensão deve estar associada ao sentimento moral de que o trabalho incessante e bem feito é a contrapartida digna de uma trajetória marcada pelo abandono da classe de origem, e em função mesmo dessa especificidade biográfica, Bernard Lahire realiza uma sociologia cuja grandeza deve ser reconduzida, em grande medida, ao princípio reflexivo que a caracteriza. A objetivação sociológica da própria trajetória mostrou-se para Bernard Lahire, assim como para Pierre Bourdieu, um eficaz mecanismo de reapropriação da história pessoal e de autoconscientização emancipadora. Como afirma o sociólogo do Béarn em seu esboço de auto-análise<sup>7</sup>, as afeições e aflições da vida afetiva precisam ser denegadas com sabedoria. Ambos encontraram na dedicação às ciências sociais uma forma de fazê-lo.

---

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.